

Para Fernando Pessoa
grande Poeta. Manifestação

ARAÚJO PEREIRA à sombra da tarde



edição do autor
LISBOA — 1934

NÓTULAS.

O DESENHO DA CAPA DÊSTE
LIVRO SAIU DAS MÃOS DE
ROBERTO ARAÚJO.

SÃO ÊSTES VERSOS COMPOSTOS
NA IMPRENSA LUCAS & C.^ª,
PELA CUIDADOSA SECÇÃO TIPO-
GRÁFICA DE QUE É CHEFE
VICENTE LAUREANO, INTELIGEN-
TE E MODESTO RAPAZ.

*Quem pena por cousa leve
Deve ser sempre penado ;
Quem co'a vida não se atreve
Deve ser dela privado,
Se a morte faz o que deve.*

Bernardim Ribeiro.

*Quê perde honra por negócio,
perde o negócio & a honra.*

Francisco de Portugal.

(O Cantão Português).

(Conde de Vimioso).

*... Não póde ella (a poesia) nunca campear nos escriptos
casuaes com equal galhardia a que seu culto requer, que
só se acha (quando se acha), em os famosos espiritos,
que abstraidos de outra occupação, de todo se entregam
à doce prática das musas.*

D. F. Manuel de Mello.

À sombra da tarde.

Cristala enorme o trêfego barulho
e a algazarra e o bailar e as gargalhadas
do ranchel de meninas delicadas,
à sombra de uma tarde em forte julho.

Qual vaga lesta e múrmura em marulho,
umas brincam de filhas adoidadas,
outras de mães ditosas decantadas
dando embalo às bonecas num arrulho.

A Terra diz adeus ao Sol, girando,
torna-se a clara luz em céu vermelho,
e a saudade entristece o dia, quando

— rápido cessa o festival trebelho —
co'a magra mão 'stendida, mendigando,
caminha no silêncio um triste vêlho.

II

Noivado.

De véu
claro
da luz do céu
de dia lindo,
toda iluminada
de cereja
côr,
chegava da igreja
a recém-casada.
Um amor.

Nada
lhe faltava.
Nem o marido ao lado,
vélho cansado,
cheiinho de tremura...

Nem dote
até à morte.
Nem mocidade.
Nem formosura.

Nanja,
nunca
a flor
de laranja,
branca de jaspe,
rebrilhou tanto.

Só
lhe faltava
amor.

III

Quis-te.

Dei-te beijos
durante a noite
daquele dia,
e tantos
que a madrugada
fugidia
me deixou entrever,
num rápido clarão
de tremura,
que eu tivera a sensação
precisa,

pura,
de beijar os meus próprios beijos dados,
aqueles tantos que eu em ti beijara,
e não a tua carne
fresca e lisa
e rara.

E quis-te
assim
com êste amor
sem fim.

Não sofras.

Recitado por Joaquim de Oliveira.

Abandonou-te e ao filho ? Não te importe
o desdem p'la mulher abandonada —
— Enxuga os olhos doces, não é nada,
e não tir's dessa mágoa a tua morte.

Vive, que o filho não te mancha o porte.
Amaste muito só. Não fôste amada.
Ninguem te culpará. Sabe, enganada
sempre o foi a inocência pouco forte.

Tem pura a fé que faz a vida pura,
co' o pequeno nos braços alumias
os simples corações de amor fecundo.

E nunca mais te sirva de tortura
sem pai teu filho e tu sem honrarias
— manchas tem-nas o sol e luz ao mundo.

Água corrente.

Os que mentiram sempre enganaram.
 Faz-se preciso não dar ouvidos
 a tôdos êsses que se mancharam
 e que só vivem dos seus sentidos.
 Os que mentiram sempre enganaram.

Dizem que as águas que já passaram
 não tornarão a mover moinhos ;
 mas andorinhas sempre voltaram
 pla primavera, aos sonhos, aos ninhos...
 e, claro, as águas que já passaram

hãõ-de tornar, sempre tornarão
 à própria fonte em que mui choraram ;
 são como o sangue em circulação
 chuvas que ao céu e terra abraçaram
 hãõ-de tornar, sempre tornarão.

Água, que corre pla terra imensa,
 desceu do azul do espaço infinito,
 vai depois sobe, fica suspensa,
 no suave céu em soluço ou grito...
 água que vai pela terra imensa... .

Os que mentiram sempre enganaram.
 Faz-se preciso não dar ouvidos
 a todos êsses que se mancharam
 e que só vivem dos seus sentidos.
 Os que mentiram sempre enganaram.

Nuvem.

A dança das searas bem se ajeita
às ondas vivas de órgão de almo templo,
e eu como e canto e rio e o céu contemplo
e o sol e a lua e vivo em paz perfeita.

Mas, não, ninguém me siga o meu exemplo
que eu rio por me rir, é minha seita
a alegria, a alegria é minha eleita,
que é buliçosa e grácil como um êmb'lo.

Nesta alegria vívida e tamanha
já vi correr a lágrima bem triste
dos meus olhos alegres pela face,

lágrima doloridamente estranha,
a quando tu mui séria me pediste
que ao nosso amor tão nosso eu o deixasse.

VII

Fôrça de vontade.

Êle concluirá o curso
de Medicina.

Estudara-o com afan
sem conto,
medida
ou pêso
até o ponto
de ser um urso,
e de o ficar
por tôda a vida.

Um só propósito encerra
a sua cabeça de alho
caminhar lá para a terra
à procura de trabalho.

E foi.
E ao chegar lá
entre falácia
reparou na grandeza da farmacia
mais no branco hospital
a donde como cá

afinal
(sempre é um bem)
se cura o mal
que se não tem.

Prestes
avista o campo de ciprestes
e saudade e penas,
onde começa o fim,
e torceu o nariz,
não gostou
e por um triz
se não zangou.

A razão que êle apontava,
dedo na testa,
bastante sério
profundo e fino,
era esta :
pra a vontade que levava
achava
o cemitério
pequenino.

VIII

Rosa do Japão.

A camélia
faz-me lembrar
a loucura de Ofélia
em noites de luar.

IX

Quadra.

As rosas são raparigas
vermelhas, de almo pudor,
as rosas tem o perfume,
as raparigas, amor.

Êle.

Romeu caminha só e pensativo,
a fronte sôbre o peito descaída,
em cruz os braços, alma recolhida,
o lesto amor nas faces corre altivo.

A tudo alheio, da mudez cativo,
no coração se lhe entesoura a vida
da suave amante em sonho entretecida...
só por ela soluça e sonha e é vivo.

Nêle gorgeliam ninhos de desejos,
paixão constante e de firmeza rara,
mas quieta a língua e fundo o olhar sem ver...

Na sua bôca leva tantos beijos
que a doce Julieta lhe beijara
que a bôca aperta para os não perder.

XI

Num album.

Para esquecer o inverno
frio
da minha idade,
êste raminho de rosas
ponho nos teus olhos.

A deliciosa
rosa
chá
chamada por todos
Safrano,
de que eu gosto muito
(tambem lhe chamam Rosa de Nice)
não só dura
todo o ano,
mas tem certa
a esquisitice
de se deixar colher
tôda doirada,
quase em botão,
semi-aberta,

e, ao desabrochar
e depois crescer,
perde a pouco e pouco o oiro
raro,
perde o brilhar,
empalidece,
desmaia,
morre,
e,
claro,
squece.

Para afastar abrolhos
que sempre são aos molhos
e me esquecer a mim
êste lio de rosas
e sonho
e affecto,
dos teus olhos
ponho
perto.

XII

Uma só.

Vi-te uma vez.
Nunca mais te ví,
Alta e delgada.
Ías de luto.
Triste.

E luto
desde então
com a cegueira de te não ver
e te sentir no meu coração.

Primavera.

Correm abelhas pra a devesa em flor,
conduzem a alegria vivas crianças,
namorados as verdes esperanças,
peixes de prata leva-os pescador.

Inundam malmequeres de frescor
os campos cheios de searas brancas,
e as camponezas de flexíveis ancas
plantas pisam, descalças, com amor.

Alegre chuva ri por entre o sol
que jorra do alto céu resplandecente
para tornar a terra suave e mol,

a luz rebrilha e beija tôda a gente
e as coisas simples, como o pó e a erva,
só a minh'alma escura se conserva.

Fragmento de amor.

Créssida linda afogueada em rosa
as lisas mãos de marfim compridas
levanta aos seios nos quais entrosa,
dedos nos dedos, as duas vidas...
Créssida linda afogueada em rosa.

Ela ama a Troilo qual flor ao sol,
olhos a luz, o luar seus véus,
a chuva a terra, ouvido o bemol,
aroma os ares, o fumo os céus,
tal ama a Troilo qual flor ao sol.

Adora-o muito, mas é mulher,
e então procura que êle não veja
em seu olhar carinho qualquer,
e finge sempre que não deseja...
adora-o muito, mas é mulher.

Em-quanto Créssida o seu perfume
de rosa e graça difunde altiva
não deixa nunca do íntimo lume
forte saia a labareda viva...
em-quanto à rosa escapa o perfume.

Risos e rosas.

Esta mulher
ama aquele que a não quer.
E a mim que tanto lhe quis
não me quer tornar feliz.

O rei Anrafel par'cia uma menina
de alma delicada e de cintura fina.
Mal lhe despontara a bôca ténue buço
do coração sobe-lhe o affecto num soluço.

Ama êle Belkiss,
mas
só em olhares
lho disse.

Ela entendeu-o
e logo o desprezou;
mas, p'ra não parecer ingrata
ao amor em si mesmo,
as flor's, que ao peito tinha e na cintura,
lhas atira,
uma a uma,
depois a êsmo.

E em paga das rosas que ela lhe atirara
de cima do terraço,
êle a ela ofertara,
em puro verbo,
a flor
do seu amor.
A alma e o corpo
ela
lhos recusa,
porque só os quer dar a Salomão querido.

Então
as linhas do rôsto dêle,
as dos labios descaídas,
não as traçara
nem o lápis,
nem a pena,
mas
a dor,
o fel.

E como Belkiss,
sem disfarce,
lhe negasse
mais uma vez
o seu peito,
êle em despeito
resolveu
matar-se.

E matou-se.

Do mesmo terraço donde ela lhe atirara
as flores vermelhas,
êle se atirou
e
morreu.

Belkiss,
sem lágrima
no azeviche dos olhos rebrilhantes,
onde pulula saltitante lume,
e, de linhas estranhas, caprichosas
o pálido semblante,
Belkiss
sorri-se,
deseja o cubram de rosas.

E as roseiras ficam sem um perfume.

Depois ordena
lhe abram o peito,
se extraia o coração
e lho ponham ali na mão.

A seguir joga-o como pela
não de encontro aos seios dela
apertando-o,
mas ao duro solo
inclinado.

E ao vê-lo rolar por êle fora
e sumir-se-lhe da vista,
Belkiss
ri-se, ri-se...

Mulher,
amas quem te não quer.
E a mim, que tanto te quis,
e quero,
não me quer's tornar feliz.

XVI

Afecto.

Olhámo-nos e vimo-nos por dentro
bem fundo,
dês dos olhos até o coração,
ao centro.

E a voz da tua alma,
num vôo de andorinha,
falou com a voz da minha.

Em nossas bôcas
fechadas,
imóveis,
silêncio.

Devaneios.

? Não ouves por aquela campã fria
lá da altura do víride cipreste
cantando o rouxinol em melodia ?

Matiz do anoitecer a tarde veste.
Inquieto como criança buliçosa
leva o sol-pôr a luz do dia, preste.

No horizonte desmaia rubra rosa
e desfolha-se em pétalas sombrias
em-quanto em negra noite em-fim se entrosa.

No cemitério árvores esguias
apontam para o céu, querem rompê-lo,
e ao longe dá o sino Aves-Marias.

Dir-se-ia a côr negral do teu cabêlo
voara de ti pelo horizonte fora,
adormecendo em 'scuro o dia belo.

Na preta escuridão abrem-se agora
profundas covas para as esperanças
do adolescente amor por esta hora.

Talvez brinquem nas valas as crianças
que expiraram no colo maternal
porque tu, velha morte, não descansas,

nem deixas descansar o nosso mal.
É fria a Febe e igual em forte Agosto,
e a sua viva tremulina é tal

que parece a saudade ou o desgosto
de fazer uma coisa que bem sabe
como às vezes também se faz com gosto

um mal que na paciência nos não cabe:
o despedir-se o pai já moribundo
que em duras dor's o gáudio nos desabe.

Que pálido luar nos enche o mundo.
A lua é uma aranha branca e linda
que estende as suas teias no céu fundo
p'ra mais estrêlas apanhar ainda.

XVIII

L á g r i m a s .

Como a água que se bebe
e torna pra se beber
é sempre a gotinha leve
que pró mar torna o correr,

assim esta que se chora
plos olhos que a mágoa fere,
já a chorou a aurora,
chorá-la-á a mulher.

Martírios de Santa.

Recitado por Calado Ramos.

Que martírios, meu amor,
foi praga que a ti rogaste.
Tenho pena de ti, flor,
se quebras a tua haste.

? Para que tantos martírios ?
para que tão grande cruz ?
para que tantos calvários ?
tantas dor's e dor's a flux ?

Sem ela como viver ?
morre logo a flor tambem.
Que de martírios tu passas,
Maria, meu doce bem.

Fala tu, eu não me ofendo.
? Que se passou, flor celeste ?
Juraste o que estás fazendo ?
Foi promessa que fizeste ?

Amparas-te p'las paredes,
'scorregas, vais a cair,
dobras a perna, o joelho,
por um triz os vais partir . . .

A moda te martiriza
como dura inquisição.
Cria a consciência lisa.
Não espelhes imitação.

Se resvalas logo te ergues
cheia de esperança e de fé,
ora caes, não te equilibras.
Difícil andar's a pé.

Larga tudo, tem juizo,
deixa a moda tresloucada,
deita os sapatos, vá, fora,
andas melhor descalçada.

De dor's os olhos reviras,
de dor's os molhas tambem,
retorces a bôca de iras,
mordes-lhe e o sangue lhe vem.

És ébria fazendo ss,
'té julgas andarem casas.
Parece que pisas vidros,
parece que pisas brasas.

Parece que uma loucura
te desvia o bom andar
e que dansas o São Vito
como quem dança a doidar.

Andas melhor descalçada
Mar'quinhas, meu doce bem,
linda pomba sem pombal
vai descalça que vais bem.

Voa a pomba prateada
com pés nus plos céus além,
e, pelo ar alcandorada,
vão voando as asas bem.

Dos sapatos te desprende,
deixa os pèzitos bem nus,
todos nascemos descalços,
não se calçava Jesus.

E os sapatos
com saltos
tão altos
plo jeito
parecem
tôrres
de, ao longe,
observar.
E depois são feios.
E fazem-te mau andar.
Mais — fazem-te mal ao peito.
? Não reparas, se caminhas,
que te trepidam os seios ?

Donzelinha,
sejamos cordatos,
é melhor fora os deitar.
(Não os seios,
cautela),
mas os sapatos.

Não te calces, o marfim
de teus pés deixa correr,
deixa andar.
É o requinte.
E é meu par'cer,
em-fim,
o seguinte :

Os teus pés mostra-os à luz.
E à gente deixa-os beijar.
Calçam-se os botões de rosa ?
Vestem-se as per'las do mar ?

Os teus pés são duas flores
que saltitam pela terra.
São estrêlas cintilantes.
Lúculas que o sol encerra.

São brancas fogueiras, juntas,
são joias, novas riquezas,
novos astros, lácteas vias,
são desejos de almas prêsas.

Tem juízo, larga tudo.
Deixa a moda tresloucada.
Deita os sapatos, já, fora!
Andas melhor descalçada.

Noite negra.

Aos amplexos à tarde foge o dia
em despedida rubra e dolorosa,
e, em rosa aberta em fulas áscuas, rosa
a terra triste, o azul em agonia.

Tanto sangue nos ar's em rebeldia
e agudos gritos de alma tormentosa,
que o espanto em nosso espírito se entrosa,
nos cala a bôca, os olhos nos enlia.

? Como será a dor que lá definha ?
? Violenta, viva, crua, ensangüentada ?
? Tão crua e violenta como a minha ?

Não, nunca a dor do céu sentiu tortura
como a sente a minh'alma torturada.
Medonha cai a noite fria e dura.

Laranjais em flor.

Às laranjeiras
embalsamadas,
doiradas,
deu-lhes
aziaga
praga:
ficaram desfloradas;
num só dia
levou-lhes as pétalas tôdas
enorme ventania.

De maneira
que é balda
de há tempos a esta parte
deixarem preconceitos e cadilhos:
agora
não se casam,
nem a bem
nem a mal.
Só têm filhos.

E agora
? como hão-de casar
as noivas,
dar a mão
aos noivos,
como se deve,
sem a grinalda
dessas flores de neve ?

? Hão-de ir enfeitadas de rosas e cravos,
de irónicas orquídeas
ou junquílhos ?
Claro que não.
Que vergonha.
Nem pensar em tal.

Olhos e estrêlas.

Mas
deixemos tristezas fundas
com que a injustiça
nos entristece.

Noite branca e alegre.
Noite aluarada
que é uma alvorada
'strelada
de tantas 'strêlas,
tantas
que, em suma,
não sobra campo pra mais nenhuma.

Tesinha nos tornozelos,
elegante e decente,
caminha muita airosa
pelos combros
uma muchacha.

Caídos leva os cabelos
pelos ombros
e descem
à cintura fina
e ligeira.

Ancas arredondadas
de lua cheia.

Os seios,
ondas cristalizadas,
vão tremendo no andar dela.

Dois pedacitos de céu limpo
descidos ao semblante
vêm tudo que se passa
ao pé
ou
distante.

Abril.
Os véus
roxentes
caem dos céus
e envolvem-lhe o corpo gentil.

Longe,
num mistério roxo,
pia o mocho.

O sapo
desenrola a voz de trapo.

A muchacha
encantada com os olhos
dêle,
abre de espanto a bôca.

Interrompe-lhe o coaxar,
assusta-o
com palmas
'stridentes,
e a gritar,

e a rir
como grilo,
fá-lo
calar
e
sumir.

Depois,
na pausa que se faz entre os dois,
pregunta ela ao vento
que remexe e passa.

? Por que tem êle tão lindos olhos ?
? Donde tiram tanta beleza ?
? Por que são de tanta graça
sempre em brilho
acesa ?

? Por que me não deram
aqueles
mais belos
que os meus ?

O vento
numa comoção rara,
faz-se em silêncio,
pára.

Mas as estrelas
de mãos cingidas, juntas
respondem às perguntas
com decidida voz :

Por quê ?
De que é ?
— É de olhar para nós.

E ela ficou absorta
a ver
a noite
os céus,
o luar,
as gemas d'oiro aos molhos
aformoseando os olhos
pelas
'strêlas.

XXIII

O abraço.

No abraço,
que demos,
apertámo-nos muito
e sentimos
no peito
bater
dois corações.

Gota de água.

Tu,
ó pequenina,
ó viva,
ó gota de água,
quem és ?

«Não sei.
Nunca pensei em mim.
A quem trabalha muito
falta-lhe sempre o tempo.
E eu nunca paro.
Estou sempre inquieta.
Mas calha-me agora bem
pensar um bocado . . .
Aproveitemos, pois, ócios tão raros.

O orvalho,
que tanto acaricias,
faço-o eu,
junto-me a outras como eu e faço-o.

Sem mim não impam as núvens.
Não choram os céus.
Não regam os campos.
Não morrem as sêdes.
Não enchem oceanos.

Sem mim
a tristeza não se esvae,
a pérola não existe.

Se choras é comigo só que o fazes.

E às vezes (poucas são)
ris e ris a mais não
com tal satisfação
tanta,
que eu, alegre lágrima,
saio do teu coração
subo-te à garganta,
soluço-te a voz,
e, entre os risos da tua alegria,
entre o teu rosto aberto,
apareço-te
e rolo,
pedaço a pedaço,
para o teu colo,
p'ra o teu regaço.

A Dor
sensível
é que me manda
ter contigo,
a Dor,
que te espreita
impassível,
direita.

Imagem.

Ao ver-te a vez primeira alegre eu via
cantar o sol, os lírios e os perfumes,
inundar-se a minh'alma de alegria,
de carmes, rosas, vibrações e numes.

Rei se o houvera no mundo eu o seria . . .
Só tu minha ventura em ti resumes . . .
Eu o maior de todos me sentia,
amava-te e era amado sem queixumes.

Como cabe na vista a vária gente,
me cabia na mão o sol contente
a eleciar de mim os mil abrolhos.

Mas se cruzamos os olhares míngua
esta grandeza e torna muda a língua
— pequenino me vejo nos teus olhos.

Não troces.

Ris dos meus cabelos,
que não são doirados,
nem sequer de prata,
mas somente linho
em desalinho,
sucata.

E tanto te ris
que sacodes os quadris
que tremulam
como as luzes
de um tesoiro
todo de oiro.

A tua criancice,
afinal,
é rir do mal
da minha velhice.

Mas sabe então
o seguinte:

Em tempo de Plínio
era
sempre o melhor dos vinhos o mais velho,
chegaram a bebê-lo de dois seculos.

Pudera!
Ganhara a consistência
do negro pez,
ou branca cera,
ou loiro mel.

Era preciso diluí-lo
em água quente,
em seguida filtrá-lo
pra se poder beber.

Sendo a tua bôca
tão garota
redondinho e escarlata O,
? por que me não queres provar
uma gota
só?

? Tens mêdo
de ficar
a gostar?

Sapos.

Como os olhos do cão de São Bernardo,
ou os do boi sereno e manso,
ou do cochicho alegre e vivo,
os do sapo
são bonitos,
parecem de gente linda!

E depois
o sapo é simples, simpático,
e cimento,
passa a vida a cismar,
e, quem cisma, pensa,
e, quem pensa, vive.
Ele passa o tempo
sempre a olhar
muito atento
lá para cima os altos céus,
de dia
porque faz sol com alegria,
de noite
pelo luar de roixas veias
e também
por causa das estrêlas,
em loiras alas,
doiradas, belas.
E, claro,
como gosta delas,
gosta de vê-las,
contemplá-las.

É proverbial
a fealdade.
E como rasteja
e coaxa,
a tradição
de que é mau
é tão antiga
e forte
que não há
lacrau
ou víbora
que a tenha tão má.

É então,
que nocente,
o ódio
muito cruel,
ódio de morte,
vai e queima o coração
de quem é gente.

Com reflexa navalha
tornam a ponta de loira cana
lâmina afiada,
e nela o espetam,
enterram-na de estaca
à beira de um caminho.
São tudo ajudas

para o matar
cruelmente,
como se Judas
êle o fôsse.
E põem-no a queimar
de barriga voltada
ao sol
de raios ardente,
sem um carinho
mol',
doce,
despiedadamente.

E
geme,
chora,

no silêncio,
de-vagarinho.
E tão vagarosamente
que quem o escuta
quase o não ouve
no gemido,
na prece,
no chôro
em luta.

Leva três dias a morrer
o pobrezinho.
Dês que existo
e oiço ais,
julgo que dos animais
é êle um cristo.

XXVIII

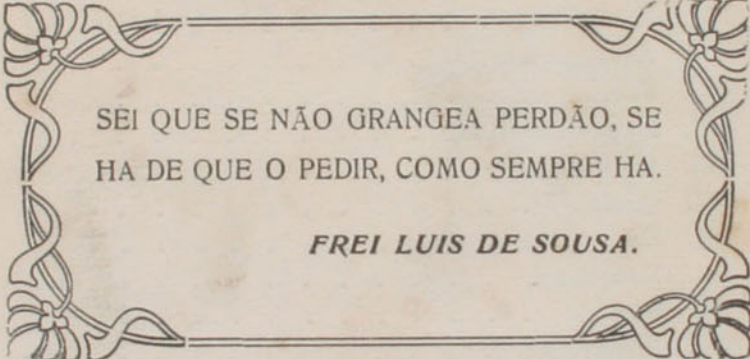
Claro-escuro.

Nessa casa pobrezinha
é o chão de pedra fria,
nenhuma esteira de junco,
mas há sol, muita alegria.

Êste palácio tem piano,
tapetes, pinturas, arte,
só lhe toca a lua triste,
há luto por tôda a parte.

Índice.

I.	À sombra da tarde.	3
II.	Noivado.	4
III.	Quis-te.	4
IV.	Não sofras.	5
V.	Água corrente.	6
VI.	Nuvem.	7
VII.	Fôrça de vontade.	8
VIII.	Rosa do Japão.	8
IX.	Quadra.	8
X.	Êle.	9
XI.	Num album.	10
XII.	Uma só.	10
XIII.	Primavera.	11
XIV.	Fragmento de amor.	12
XV.	Risos e rosas.	13
XVI.	Afecto.	16
XVII.	Devaneios.	17
XVIII.	Lágrimas.	18
XIX.	Martírios de Santa.	19
XX.	Noite negra.	21
XXI.	Laranjais em flor.	22
XXII.	Olhos e estrélas.	23
XXIII.	O abraço	24
XXIV.	Gota de água.	25
XXV.	Imagem.	27
XXVI.	Não troces.	28
XXVII.	Sapos.	29
XXVIII.	Claro-escuro.	30



SEI QUE SE NÃO GRANGEA PERDÃO, SE
HA DE QUE O PEDIR, COMO SEMPRE HA.

FREI LUIS DE SOUSA.